

Hogeschool Antwerpen
Hoger Instituut voor Vertalers en Tolken

Análise das diferenças e semelhanças entre o livro *Cidade de Deus* e o filme homônimo
Uma abordagem à adaptação cinematográfica

Liesbeth Oeyen

BACHELORSCRIPTIE
Academiejaar 2007-2008
Promotor: Prof. Joana Seixas
Assessor: Prof. Dr. Anne Quataert

Ondergetekende, Liesbeth Oeyen, studente Frans-Portugees-Chinees, verklaart dat deze scriptie volledig oorspronkelijk is en uitsluitend door haarzelf geschreven is. Bij alle informatie en ideeën ontleend aan andere bronnen, heeft ondergetekende expliciet en in detail verwezen naar de vindplaatsen.

Antwerpen, 19/05/2008

Handtekening: Liesbeth Oeyen

Índice

Prefácio

Introdução

I	Abordagem do aspecto cinematográfico: a adaptação de um livro	7
1	As principais diferenças entre um livro e um filme.....	7
2	As principais semelhanças entre um livro e um filme.....	8
3	O trabalho do roteirista.....	8
3.1	Adaptação e direitos	9
3.2	A fidelidade ao livro	9
II	<i>Cidade de Deus</i>	11
1	Introdução dos colaboradores mais importantes do romance e do filme <i>Cidade de Deus</i>	11
1.1	Paulo Lins.....	11
1.2	Fernando Meirelles.....	11
1.3	Bráulio Mantovani.....	12
2	O roteiro de "Cidade de Deus"	13
3	Comparação do livro com o filme "Cidade de Deus"	14
3.1	A primeira história.....	14
3.1.1	Comparação dos personagens.....	14
3.1.2	Comparação das cenas.....	16
3.1.2.1	Cenas que estão presentes no livro e no filme.....	16
3.1.2.2	Cenas do livro que não estão presentes no filme.....	18
3.2	A segunda história	20
3.2.1	Comparação dos personagens.....	20
3.2.2	Comparação das cenas.....	20
3.2.2.1	Cenas que estão presentes no livro e no filme.....	20
3.2.2.2	Cenas do livro que não estão presentes no filme.....	21
3.2.2.3	Cenas do filme que não estão presentes no livro.....	22
3.3	A terceira história	22
3.3.1	Comparação dos personagens.....	22
3.3.2	Comparação das cenas.....	23
3.3.2.1	Cenas que estão presentes no livro e no filme.....	23
3.3.2.2	Cenas do livro que não estão presentes no filme.....	25
3.3.2.3	Cenas do filme que não estão presentes no livro.....	26
	Conclusão	28
	Bibliografia.....	29

Prefácio

Esta tese realizou-se no âmbito da obtenção do meu diploma de Bacharelato. A criação de uma tese é um trabalho sério para o qual é preciso bastante tempo e energia. Portanto, não é sempre fácil combinar esta tarefa com as outras atividades profissionais e pessoais.

Felizmente, eu pude contar com a ajuda de certas pessoas que me apoiaram muito durante todo este período.

Gostaria de agradecer em particular a minha orientadora, professora Joana Seixas, pelo seu apoio profissional durante todo o ano e por ajudar-me não só com a língua portuguesa e o estilo adequado, mas também com a estrutura e a correção desta tese.

A escrita deste trabalho foi uma preparação excelente para a minha tese de Mestrado e eu aprendi muito. Além disso, é uma maneira ótima para mostrar que sou capaz de trabalhar independentemente sobre um assunto determinado e que aprendi a aplicar o estilo científico. Eu espero que este trabalho seja lido com prazer e com interesse.

Introdução

Hoje em dia, a maioria da população sabe ler e escrever, mas dantes, estas capacidades de comunicação não eram acessíveis a todo mundo. Durante muito tempo, a maioria das pessoas que sabiam ler pertencia à classe social mais elevada, que tinha a capacidade financeira para comprar os romances e a cultura para lê-los. Na época em que as primeiras televisões surgiram, era a mesma história que se repetia: apenas os mais ricos tinham acesso a este novo meio de comunicação. Com o tempo, tudo isso foi se mudando e agora é comum encontrar um livro e uma televisão em qualquer casa. Através destes meios de comunicação, as pessoas obtêm, entre outras coisas, vários tipos de informação e aprendem mais sobre outras culturas. Certos escritores e roteiristas podem viver da sua profissão, outros escrevem no seu tempo livre. Alguns escrevem romances, outros escrevem livros didáticos. Há escritores que têm por objetivo entreter as pessoas, há outros que preferem “ensinar” algo ao seu público. Portanto, as obras cinematográficas e literárias desempenham um papel recreativo, mas também didático, importantíssimo na nossa sociedade. Há várias razões pelas quais uma obra literária é transformada numa obra cinematográfica: às vezes o livro teve um sucesso enorme e por isso querem adaptá-lo; também é mais rápido ver um filme do que ler um romance; mas também para analfabetos uma adaptação cinematográfica é uma boa opção. Porém, por mais fácil que pareça, é preciso muito tempo, paciência e criatividade para transformar uma obra literária num filme. Nem sempre a adaptação cinematográfica parece com o livro; muitas vezes há bastantes diferenças entre os dois tipos de obra.

Depois de ter visto o filme “Cidade de Deus”, eu fiquei com curiosidade de ler o romance também. Já na primeira leitura, percebi que havia muitas diferenças entre as duas obras. Logo, decidi que podia ser um assunto interessante para analisar mais a fundo. Foi isto que me levou a escolher este tema para a tese que agora apresento.

O objetivo principal desta tese é a comparação da obra literária *Cidade de Deus* com a adaptação cinematográfica homônima. Além das comparações das cenas e dos personagens, pesquisei o aspecto cinematográfico e em particular a adaptação de um romance. Acredito que é importante as pessoas entenderem que uma adaptação cinematográfica de um livro muitas vezes não é uma simples imitação. Tanto para a criação de uma nova obra literária como cinematográfica, precisa-se tempo, criatividade e originalidade.

Como se trata de um livro e um filme brasileiros, decidi utilizar o português brasileiro. Isto significa que usei a ortografia e as palavras do português do Brasil e que há bastantes gerúndios no texto. Para adotar um estilo mais literário, optei pela colocação pronominal enclítica e o uso do artigo diante dos possessivos.

Esta tese está dividida em duas grandes partes que, por sua vez, estão separadas em vários capítulos.

A primeira parte trata da adaptação cinematográfica de um livro e está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo é dedicado às diferenças entre uma obra literária e uma obra cinematográfica. No segundo capítulo são comentadas as semelhanças entre os dois tipos de obra. No terceiro capítulo é definido o trabalho do roteirista: uma parte trata de adaptação e direitos e a segunda parte fala sobre a fidelidade ao livro.

Na segunda parte são analisadas a obra literária e a obra audiovisual “Cidade de Deus”. No primeiro capítulo, são introduzidos os colaboradores mais importantes: Paulo Lins, Fernando Meirelles e Bráulio Mantovani. No segundo capítulo aborda-se o roteiro do filme “Cidade de Deus”. O terceiro capítulo é dedicado a uma comparação do romance com a obra cinematográfica. Visto que é possível distinguir três “histórias” tanto no livro quanto no filme, esta divisão foi mantida. Para cada história é feita uma comparação dos personagens e uma comparação das cenas.

Termino com uma conclusão, na qual se revêem numa síntese as informações abordadas nos diferentes capítulos.

I Abordagem do aspecto cinematográfico: a adaptação de um livro

Muitos filmes são inspirados em livros, mas porquê? Pois, comprar os direitos de um bom livro e adaptá-lo é mais fácil do que pensar sobre um assunto interessante para usar num filme. Além disso, os realizadores do filme contam com que os leitores do romance queiram com certeza ver a adaptação, portanto, já têm um público potencial e a esperança que o filme também vai ser um sucesso. Porém, isso não é sempre o caso, porque um filme é uma adaptação e a interpretação do roteirista pode diferenciar muito da imagem criada na mente dos leitores. Por isso, há sempre leitores que adoram o filme, mas há outros que o detestam.

1 As principais diferenças entre um livro e um filme

Na adaptação cinematográfica, o roteirista tem um papel importantíssimo. Porém, o seu trabalho não é fácil, pois o conceito de um filme é muitas vezes completamente diferente de um texto escrito. No seu trabalho, o roteirista tem que ter em conta muitos aspectos e resolver certos problemas. Assim, vamos analisar as principais diferenças entre um livro e um filme, que muitas vezes causam dificuldades para o roteirista.

A primeira grande diferença entre o livro e o filme é a utilização da linguagem. Na linguagem audiovisual tudo precisa ser visível ou audível, o que implica a proibição de certas palavras como “pensar”, “lembrar”, “sentir”, etc. Todos os sentimentos e pensamentos devem ser ‘traduzidos’ para a linguagem audiovisual. Quando o personagem se sente sozinho, o roteirista tem que procurar uma maneira para mostrar este sentimento, pois muitas vezes é inadequado fazer o personagem dizer “me sinto sozinho”. Porém, num romance é lógico lermos este tipo de frases.

Em segundo lugar, o filme tenta desenvolver apenas uma grande história sem narrativas secundárias que possam desviar a atenção do espectador.

Outra diferença que é comum na adaptação cinematográfica consiste na eliminação dos flashbacks. Em geral, os roteiristas aplicam uma das três técnicas seguintes: a primeira técnica resume-se em eliminar todos os flashbacks que não são necessários para a história. A segunda técnica junta todos os pequenos flashbacks sob um grande flashback de maneira cronológica. A terceira possibilidade é integrar os flashbacks cronologicamente na narrativa principal.

Também há uma diferença na ordem de divulgação das informações. Às vezes a cena de abertura no livro é a última cena no filme e vice-versa (Cattryse, 1995: 128-129).

Outro aspecto importante são os personagens. No livro é possível não falar sobre a aparência do personagem. O leitor pode então usar a sua fantasia e construir a sua própria imagem dos personagens. Num filme os personagens estão presentes e muitas vezes não correspondem com a fantasia do leitor, pois é o cineasta e o roteirista que vão escolher a aparência do personagem. Por isso, muitos leitores não gostam da adaptação cinematográfica da obra literária. Muitas vezes o filme também conta menos personagens do que o romance. Primeiro porque cada personagem precisa de um ator, portanto menos personagens, menos atores, menos caro. Em segundo lugar, mais personagens implicam mais esforço para o espectador, que precisa memorizar tudo. Por fim, o roteirista quer fixar a atenção do espectador no protagonista o que é mais fácil quando há menos personagens secundários.

Em seguida, pode surgir uma diferença de narrador no livro e no filme. Na narratologia fala-se de narrador autodiegético quando ele é o protagonista da história, homodiegético quando é um personagem secundário e narrador heterodiegético quando não é um personagem da história.

Também é crucial perceber a limitação do tempo nos filmes. Uma obra literária só termina quando o escritor quiser, mas em geral um filme acaba ao fim de duas horas. Além disso, todos os espectadores vêem o filme no mesmo lapso de tempo, enquanto que um leitor pode estabelecer o seu próprio ritmo de leitura.

2 As principais semelhanças entre um livro e um filme

Porém, não há apenas diferenças entre um texto literário e um filme. O roteirista precisa ser capaz de encontrar paralelismos também, como a importância do início. As primeiras páginas num livro, ou seja, os primeiros minutos na tela são muito importantes, pois neste tempo o leitor ou espectador decide se acha a obra interessante e se vai continuar a ler ou a ver. Portanto, é necessário convencer o leitor ou espectador e prender a sua atenção.

Uma outra semelhança é o aspecto didático que está presente em ambas as obras. Crianças, mas também adultos, lêem para aprender. O cinema e a televisão oferecem isso também e de maneira mais fácil, pois ninguém precisa ser alfabetizado para poder entender a linguagem audiovisual. Outrossim, a sétima arte contribui para a difusão de várias visões do mundo e o conhecimento de outros países e culturas.

3 O trabalho do roteirista

O trabalho do roteirista consiste em transformar uma idéia ou um texto numa forma utilizável para fazer um filme. Para chegar à versão definitiva do roteiro, vários processos precisam ser percorridos. O primeiro processo resume-se em achar uma idéia básica: a premissa. O roteirista precisa sempre se lembrar da premissa para não se distrair da história do seu filme. O segundo processo é a tradução da premissa numa história ou sinopse. Esta parte é a mais difícil porque tudo deve ter sentido como na vida real. A sinopse é um resumo contendo uma breve descrição do conteúdo, a introdução do protagonista e dos outros personagens mais importantes, a evolução do protagonista, o desenlace, o estilo e a estrutura. Todas estas informações precisam estar indicadas no roteiro na ordem em que aparecem no filme. O tempo de leitura daquele é a duração deste uma vez que todas as palavras lidas, ouvidas e faladas têm que estar no roteiro (Op de Woerd, 07/09/2005).

Como o espectador apenas pode lembrar dez por cento do que vê, o roteirista precisa escalonar as informações. Especialmente quando o filme conta mais que quatro protagonistas, é importante apresentar todos estes personagens de maneira separada. A estrutura básica das relações internas também é fundamental para que o espectador possa compreender bem o filme (Frossard, 06/09/2007).

Um outro aspecto que o roteirista precisa tomar em conta é a linguagem utilizada. A transcrição na linguagem audiovisual é diferente da linguagem aplicada para escrever um romance.

Além disso, cada figura tem os seus próprios antecedentes que o roteirista precisa conhecer para saber como o personagem pensa e age. Porém, esta informação não é necessária para o espectador visto que este apenas conhece os personagens durante o filme (Op de Woerd, 07/09/2005).

A adaptação de um romance é talvez a tarefa mais difícil para o roteirista porque é ele que tem que escolher os trechos possíveis para a filmagem. Portanto, uma adaptação cinematográfica depende em grande parte do roteirista e do seu gosto pessoal. Isso implica que certas pessoas não gostarão do filme porque certos trechos não estão presentes. Logo, o roteirista não precisa apenas de criatividade, mas também de coragem para sacrificar certos fragmentos.

3.1 Adaptação e direitos

Hoje em dia é normal que nem todas as pessoas possam simplesmente ler um livro e decidir transformá-lo num filme. Desde 1910, é preciso comprar os direitos do autor, determinados nas leis internacionais. O autor é protegido durante toda a sua vida e setenta anos depois da sua morte. Mesmo depois da aquisição dos direitos, é preciso tomar cuidado: o autor ou os herdeiros ainda podem recusar a obra cinematográfica quando não estão de acordo com o conteúdo porque o acham uma deformação do original. Portanto, é muito importante mostrar um certo respeito pela obra original e ter certeza que o autor ou os herdeiros aceitam a adaptação. Por isso, certos produtores e roteiristas apresentam a versão definitiva ao autor ou aos herdeiros para que eles possam aprovar a obra ou efetuar mudanças (Renaux, 09/2000).

3.2 A fidelidade ao livro

A fidelidade à obra literária é um tema que provoca muitas reações e portanto, há várias opiniões sobre este aspecto. Certas pessoas acreditam que é necessário ficar fiel ao livro o mais possível; outros pensam que o filme não pode ser uma simples imitação da obra literária e que a criatividade é um processo importante na adaptação. Às vezes o roteirista decide adaptar a localização das ações ou mudar a época e a cultura. Portanto, uma adaptação não é apenas uma modificação genérica, ou seja, a transposição de uma obra literária numa obra cinematográfica, mas também pode ser uma alteração de valores culturais, temporais e geográficos (McFarlane, 1996).

Podemos distinguir três tipos de adaptação: a adaptação fiel, a adaptação livre e a transposição (Lucas, 1993 e Gesbert, 08/2005). Vamos analisar as vantagens e os inconvenientes destes três modelos.

a) Adaptação fiel

Debrucemo-nos primeiro sobre a adaptação fiel. Uma adaptação deste tipo fica muito perto da obra literária. Segundo Lucas, há três razões porque esta escolha resulta geralmente num fracasso (Lucas, 1993).

Em primeiro lugar, a linguagem utilizada no livro é muito diferente da linguagem cinematográfica. O cinema usa imagens para narrar uma história, já um texto é composto de

palavras. Em segundo lugar, o roteirista sempre precisa fazer uma seleção, pois é impossível relatar todos os acontecimentos de um livro de trezentas páginas num filme de duas horas. Visto que o roteirista toma esta decisão, o filme já não é completamente fiel à obra literária. Em terceiro lugar, o roteirista impõe a sua interpretação e a sua visão pessoal do livro, adaptando-o. Portanto, é possível que os leitores do livro não gostem do filme, por exemplo porque as partes do livro que acharam importantes, não estão presentes. De fato, é muito comum haver dois partidos: certos leitores detestam a adaptação cinematográfica e julgam que o livro é muito melhor, outros têm uma opinião contrária. Enfim, podemos concluir que uma adaptação totalmente fiel é impossível, porque certas escolhas sempre são pessoais.

b) Adaptação livre

O segundo modelo é a adaptação livre. A diferença principal entre a adaptação fiel e a adaptação livre é que a primeira tenta respeitar a obra literária sem fazer modificações, enquanto que a adaptação livre prefere manter o conteúdo do livro em detrimento da sua forma literal. Isso significa que o roteirista se baseia no texto, mas que pode modificá-lo, eliminar certas partes e acrescentar elementos específicos. Em suma, o roteirista possui a liberdade de criar imagens, de utilizar uma linguagem diferente e de trazer assim um aspecto novo ao livro e ao filme.

c) Transposição

O terceiro caso é a transposição. Este tipo de adaptação é mais original, porque o roteirista vai criar um filme completamente diferente do livro. A transposição é caracterizada por várias modificações no tempo e no espaço, cenas inéditas, personagens diferentes, etc. Podemos concluir que o roteirista produz uma obra original e nova (Gesbert, 08/2005).

II *Cidade de Deus*

1 Introdução dos colaboradores mais importantes do romance e do filme *Cidade de Deus*

O romance *Cidade de Deus* foi escrito por Paulo Lins. Porém, é claro que muitas pessoas colaboraram indiretamente. Todos os colaboradores estão indicados na nota e nos agradecimentos nas últimas páginas do livro.

Bráulio Mantovani escreveu, com a ajuda de Paulo Lins, o roteiro desta obra literária para fazer um filme.

O cineasta, Fernando Meirelles, escolheu os atores e acompanhou o progresso do filme. Ele também teve a ajuda de várias pessoas como Kátia Lund, a co-diretora. O filme não foi feito na favela de Cidade de Deus, porque era uma comunidade muito instável. Numa outra favela no Rio de Janeiro, chamada Cidade Alta, moravam pessoas com mais estabilidade, o que era mais fácil para organizar as operações de filmagem. Filmaram sessenta e seis horas em nove semanas.

1.1 Paulo Lins

Paulo Lins é um escritor brasileiro que nasceu no bairro de Estácio no Rio de Janeiro em 1958. Ele começou a escrever quando tinha dezessete anos. Nos primeiros anos, escreveu poemas, depois músicas e até samba-enredo. O escritor ganhou dois sambas-enredo num bloco na Cidade de Deus sem nunca ter ido aos ensaios (porque a sua mãe não deixava). Formou-se em letras e durante dez anos deu aulas de português e de literatura. Em 1986 ele já tinha publicado um livro de poesia *Sobre o sol*. Depois Paulo Lins trabalhou com Alba Zaluar, que estava a fazer um projeto de antropologia sobre a favela. Uma das suas colegas pediu-lhe para escrever um livro de antropologia, mas ele recusou e propôs fazer um poema. Este poema foi publicado numa revista, o que deu o aval para escrever um romance. Ele demorou dez anos para escrever a versão “final” do seu livro *Cidade de Deus*.

Nos primeiros oito anos, Paulo Lins escreveu o romance dentro da Cidade de Deus. Quando ele via uma dos seus personagens passando pela janela, ele ia falar com a pessoa e anotava as histórias que tinha ouvido. Uma outra parte do livro foi escrita em Cabo frio, onde ele podia ficar mais sozinho.

O roteiro do filme “Quase dois irmãos” de 2004 foi também escrito por Paulo Lins (Revista “Caros Amigos” online, edição 74).

1.2 Fernando Meirelles

a) Biografia de Fernando Meirelles

Fernando Meirelles é o cineasta brasileiro do filme “Cidade de Deus”. Ele nasceu em São Paulo em 1951 numa família requintada. O seu pai era médico gastroenterologista que viajava o mundo e, assim, Fernando Meirelles conheceu desde criança muitas culturas diferentes.

Com doze anos, ele ganhou uma câmera de filmar e foi nesta época que começou o seu interesse pela arte cinematográfica. Durante os seus estudos de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo começou a realizar vídeos experimentais com um grupo de amigos e fundaram a produtora independente “Olhar Eletrônico”. Em 1990 eles fecharam esta produtora, montando a companhia de produção “O2 filmes” (Adoro cinema brasileiro, 2006).

b) Equipe de Fernando Meirelles

A motivação de Fernando Meirelles para adaptar o livro *Cidade de Deus* num filme era o ponto de vista diferente abordado no romance. Paulo Lins conta a história de tráfico de drogas dentro de uma favela e foi isso que interessou o cineasta.

Os atores de “Cidade de Deus” são quase todos amadores. Fernando Meirelles fez esta escolha, porque queria o acento e as expressões das comunidades da favela. Ele já tinha trabalhado com amadores muitas vezes nos comerciais da televisão.

Organizou um processo de seleção que começou com mais de duas mil entrevistas de várias comunidades do Rio de Janeiro. Duzentos garotos foram convidados para participar numa oficina de atores chamada “Nós do Cinema”. Neste cursinho trabalhavam muito com improvisação e trabalho de grupo. No início da oficina, alguns atores profissionais foram incluídos. Mas como a sua maneira de trabalhar era muito diferente da dos amadores, o cineasta decidiu trabalhar apenas com os amadores.

Para o papel de Zé Pequeno, o cineasta optou por Matheus Nachtergaele que naquela época ainda não era um ator conhecido. Porém, dois anos depois, quando queriam começar com as filmagens, Fernando Meirelles já tinha achado um amador para o papel de Zé Pequeno e Matheus Nachtergaele se tinha tornado um ator conhecido. Todavia, o ator realmente queria fazer o filme e acabou por convencer Fernando Meirelles. O cineasta deu-lhe o papel de Cenoura e o ator conseguiu misturar-se com o resto do elenco. Fora do Brasil, ninguém percebeu que ele era o único profissional no filme.

Um outro aspecto importante é que os atores não receberam o roteiro. Fernando Meirelles dava-lhes a intenção da cena e de cada personagem e depois tinham um pouco de tempo para preparar a cena. Portanto, o filme é o resultado de improvisação de amadores que nasceram nas favelas.

Alguns destes atores estão a encaminhar-se para uma carreira de ator e a oficina “Nós do Cinema” ainda existe, tendo vários projetos em vista.
(Amaral, 19/03/2003)

1.3 Bráulio Mantovani

Bráulio Mantovani nasceu em 1963 no bairro de Iparanga em São Paulo, situado próximo da maior favela paulistana Heliópolis. Ele vem de uma família humilde e o pai era torneiro mecânico. Bráulio estudou Língua e Literatura portuguesa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Alguns anos mais tarde, viajou para Madri onde fez uma pós-graduação em Roteiro Cinematográfico. A sua carreira começou em pequenos grupos de teatro. Depois decidiu escrever roteiros e nos anos 90 trabalhou em Nova Iorque como assistente de câmera e mais tarde como assistente de direção.

Em 1983 escreveu o seu primeiro roteiro para o documentário “Infinita Tropicália”. Em 2001 escreveu a curta-metragem “Palace II” de Fernando Meirelles e um ano mais tarde fez o roteiro da longa-metragem “Cidade de Deus”. Ele também é o roteirista de “Tropa de Elite”, o filme brasileiro mais popular de 2007 (Boletim filme B, 2006).

2 O roteiro de “Cidade de Deus”

Fernando Meirelles pediu ao roteirista, Bráulio Mantovani, para escrever um roteiro sobre o livro de Paulo Lins. Porém, no início, o roteirista pensou que Fernando Meirelles tinha enlouquecido, pois ele julgou o livro muito difícil. Mas como Bráulio Mantovani só tinha trabalhado para a televisão, não quis perder a oportunidade de fazer uma longa-metragem com Fernando Meirelles. Assim começou a cooperação entre os dois.

Para obter o resultado final, Bráulio Mantovani escreveu quinze versões do roteiro entre 1998 e 2001. Além disso, muitas coisas ainda foram adaptadas durante a montagem.

Primeiro, o roteirista leu o livro e visitou a Cidade de Deus para obter uma visão mais real da favela. Depois, colocou todos os personagens e as tramas do livro em fichas, resumindo tudo em três linhas. Em seguida, preparou uma lista do que achava mais interessante e Fernando Meirelles fez a mesma coisa. Dos duzentos e cinquenta personagens que estão no livro, apenas trinta entraram na lista. Eles juntaram os personagens até que ficaram com sete ou oito personagens principais e com algumas cenas que queriam incluir no filme de qualquer maneira. Portanto, Meirelles e Mantovani acham importante selecionar os personagens e as principais cenas do livro e criar o mínimo de novos personagens possível (Amaral, 19/03/2003).

Desde o início, decidiram juntar todas as pequenas histórias do livro, porque julgaram que se só contassem uma história, o filme seria totalmente diferente do romance. Neste aspecto, a adaptação é muito fiel ao original. Porém, mudaram coisas de lugar, criaram novas personagens e às vezes inventaram novas situações. Segundo o roteirista “[...] para [...] estar mais próximo do livro” (Giannini, 12/09/2002).

Nas primeiras versões, havia até mais personagens e a história era mais complexa, porque inventaram “as mini-biografias”(Giannini, 12/09/2002): pequenas histórias durante todo o filme de personagens secundários que falavam um pouco sobre a sua vida, morrendo algumas cenas depois. Isso teria sido uma adaptação ainda mais próxima do livro, porque as histórias seriam ainda mais fragmentadas. No entanto, o filme seria menos compreensível para os espectadores e era justamente por esta razão que certos personagens e situações tinham sido inventados. Sem estas histórias, o espectador não fica confuso e mantém-se o fio da história.

Visto que Fernando Meirelles queria alcançar um grande público, ele optou por fazer um filme compreensível para todos. Uma técnica utilizada para obter este efeito é a “voz off”. No filme “Cidade de Deus”, o personagem de Busca-Pé foi criado para ligar todas as personagens e a intriga. Ele é a voz off que ajuda o espectador a reconhecer os personagens, pois são todos mulatas ou negras e têm todos a mesma idade, o que pode conduzir à confusão. Mesmo sendo um dos personagens principais do filme, apenas narra os acontecimentos e quase não participa na ação. Porém, no romance, Busca-Pé é um personagem sem importância

que aparece em apenas cinquenta das seiscentas páginas. Este exemplo mostra como às vezes é necessário aplicar mudanças na adaptação cinematográfica para evitar uma discrepância ainda maior entre o livro e o filme.

Outro aspecto que Bráulio Mantovani precisava tomar em conta era a duração do filme. A primeira versão do roteiro contava cento e cinquenta páginas, o que resultaria num filme de mais de quatro horas.

O aspecto do livro que Bráulio Mantovani quis manter o mais possível foi o tema da violência. No livro tudo é muito cru e não há piedade. Há uma evolução da violência e do descontrole, pois no início tudo é mais ou menos calmo, mas as coisas se complicam e no fim começa uma verdadeira guerra entre os grupos da favela. O roteirista quis mostrar esta evolução. Com este intuito, e para ajudar o espectador, o filme foi dividido em três épocas.

Uma técnica que é muito utilizada no filme é o “flashback”. Como Fernando Meirelles disse numa entrevista: “[a não-linearidade] foi uma estrutura meio arriscada também. Nunca pensamos em fazer um filme com idas e vindas, a princípio. O problema é que tínhamos muitas histórias e muitos personagens para contar essas histórias, ao mesmo tempo. Se você fica cortando de um para o outro o tempo todo, o personagem nunca esquenta. A idéia foi abandonar alguns pelo caminho e mais tarde voltar para recuperá-los, colocando-os de volta no filme. São idas e vindas que ajudam o espectador a acompanhar e se envolver com a trama.” (Amaral, 19/03/2003). No roteiro inicial havia muito mais flashbacks do que na versão final. Contudo, a história ficou um pouco mais linear, porque havia o risco de não ser muito clara para o espectador e a intenção de Bráulio Mantovani e de Fernando Meirelles era justamente explicar a história do melhor jeito possível e que fosse didático para a audiência.

3 Comparação do livro com o filme “Cidade de Deus”

Qualquer pessoa que leia o livro *Cidade de Deus* e que veja o filme depois pode perceber que há vários tipos de diferenças entre o romance e a adaptação cinematográfica. Tanto o livro quanto o filme foram divididos em três capítulos, chamados “histórias”. Para melhor estudar as modificações feitas pelo roteirista, vamos examinar cada capítulo separadamente.

3.1 A primeira história

3.1.1 Comparação dos personagens

No livro, o primeiro capítulo, que começa na página 13, chama-se “A história de Inferninho”. Os personagens mais importantes desta história são Inferninho, Tutuca e Martelo. Eles formam o chamado “Trio Ternura” e assaltam, muitas vezes, os caminhões de gás. O autor explica bastante sobre a vida destes protagonistas.

Primeiro, aprendemos mais sobre a vida de *Inferninho* (Lins, 2002: 25). O seu pai é um alcoólatra e a sua mãe uma prostituta. Além dos seus pais, tem um irmão homossexual chamado *Ari*. Inferninho apaixonou-se por *Berenice*, amiga de *Luciana Maracaña*.

A história de *Tutuca* (Lins, 2002: 29) é totalmente diferente. Até os quinze anos, os seus pais obrigaram-no a ir à igreja da Assembléia de Deus. Embora seus pais não fossem criminosos, Tutuca tornou-se um bandido porque admirava estes e queria ser como eles. Martelo é o único do Trio Ternura que é casado. “Conheceu a sua mulher *Cleide* no tempo em que era pára-quedista do Exército” (Lins, 2002: 41).

Porém, o livro não começa com estes três personagens. Os dois meninos que estão presentes na primeira página do livro chamam-se *Busca-Pé* e *Barbantino*. No livro, eles desempenham apenas um papel secundário, mas no filme *Busca-Pé* é o protagonista, que conta a história inteira da Cidade de Deus. Portanto, *Busca-Pé*, que é a voz off, relata os acontecimentos.

Um personagem que no início do romance é secundário, mas que se torna cada vez mais importante é *Inho*. Ele é o líder de um bando de crianças e sonha ser igual a *Inferninho* ou a *Grande*, o bandido mais famoso e perigoso da cidade do Rio de Janeiro. Os seus melhores amigos são *Pardalzinho* e *Cabelinho Calmo*. Inho sempre quer fazer favores para os bandidos, trazer-lhes comida e maconha quando estão se escondendo e tentar ganhar a confiança deles para que também possa participar nos assaltos. A infância de Inho é só contada na página 162 do romance, quando ele passa a ser um personagem protagonista. A partir deste momento, Inho e o seu parceiro *Ferroada* começam a aterrorizar os habitantes da Cidade de Deus, pois o Trio Ternura já não existe mais.

Além destes personagens, há muitos outros que têm uma certa importância na vida cotidiana da Cidade de Deus como a *velha Tê* e a *Madalena*, que vendem maconha para os bandidos e os viciados, e *Passistinha* que é famoso pelo seu samba.

Certos policiais também merecem ser mencionados, porque sempre andam atrás dos bandidos. O detetive *Belzebu* e o policial *Cabeça de Nós Todo* são os exemplos mais importantes.

Há igualmente personagens que levam uma vida individual e que são citados apenas uma vez como o policial *Careca* e o soldado *Jurandy*. Sobre alguns personagens é contada uma ocorrência particular, porém importante para perceber o dia-a-dia na Cidade de Deus. Um bom exemplo é a história de *Silva* e *Cosme* que será explicada mais tarde.

No filme, o primeiro capítulo chama-se “A história de Cabeleira”. Podemos já observar uma diferença nos nomes. Os protagonistas chamam-se *Cabeleira*, *Alicate* e *Marreco*. Estes três bandidos formam o “Trio Ternura”. O personagem que conta toda a história é um personagem que também podemos encontrar na obra literária: *Busca-Pé*. No filme, *Busca-Pé* é o irmãozinho de *Marreco*. O amigo de *Busca-Pé*, *Barbantino*, também está presente no início da obra cinematográfica.

Um outro personagem importante, que podemos comparar com o personagem de *Inho* no romance, é *Dadinho*. No começo, ele também ainda é criança e considerado o “líder do bando das crianças”. Quando o filme começa, ele aparece junto com o seu amigo *Bené*, irmão de *Cabeleira*.

Além de todos estes personagens masculinos, há *Luciana Maracaña* e *Berenice*. *Cabeleira* apaixonou-se por esta última.

Os policiais cujos nomes estão mencionados são *Cabeção* e *Touro*. Nesta primeira parte do filme, o papel deles ainda não é tão importante. Na maioria do tempo, eles correm atrás dos malandros com outros policiais.

Portanto, podemos concluir que muitos personagens da obra literária foram adaptados. O roteirista e o realizador optaram por novas figuras que foram criadas e que são uma mistura de todos os personagens presentes no romance. Os nomes dos criminosos foram adaptados e só as figuras que desempenham o mesmo papel no livro e no filme têm o mesmo nome, por exemplo, Busca-Pé, Barbantinho, Luciana Maracaña e Berenice.

3.1.2 Comparação das cenas

Muitas vezes, é preciso fazer escolhas, pois é impossível filmar tudo que está no livro. Em primeiro lugar, porque a adaptação cinematográfica ficaria longa de mais, o que seria um desperdício do ponto de vista econômico. Em segundo lugar, porque certos aspectos da obra literária são quase impossíveis de transmitir para um filme. Sobretudo as cenas pensativas e emocionais, que são as mais difíceis para o roteirista e o realizador.

3.1.2.1 Cenas que estão presentes no livro e no filme

Primeiro, vamos examinar as cenas que estão presentes tanto no romance quanto no filme. É importante saber que o começo da obra cinematográfica não é igual ao da obra literária. A primeira começa com uma cena que surge muito mais adiante no livro: a cena em que o galo tenta fugir para não acabar na marmita com os outros. Os bandidos correm atrás do galo para tentar prendê-lo. Enquanto eles estão correndo, a câmera vira-se para uma outra rua onde Busca-Pé e Barbantinho caminham. Busca-Pé está segurando uma máquina fotográfica e os dois amigos estão falando sobre os bandidos. Alguns minutos depois, os dois grupos encontram-se. De um lado está o grupo do bandido Zé Pequeno e do outro lado Busca-Pé e o seu amigo. No meio está o galo. Zé Pequeno grita para eles prenderem o bicho. Busca-Pé põe-se na posição de goleiro e tenta apanhar o animal. No entanto, a polícia chega e a imagem de Busca-Pé na pose de goleiro congela. De repente, a imagem muda para um campo de futebol. Em sobreposição está indicado “anos 60”, enquanto a câmera mostra o personagem de um Busca-Pé mais jovem, no gol, na mesma posição que na cena anterior quando tentava prender o galo. Durante o jogo de futebol, a voz off, ou seja, Busca-Pé, começa a apresentar os personagens.

Depois da apresentação do Trio Ternura e dos meninos Dadinho e Bené, a câmera segue a imagem dos três bandidos (Cabeleira, Marreco e Alicate) que estão correndo na direção de um caminhão de gás para assaltá-lo.

É provável que o roteirista, Bráulio Mantovani, tenha optado por começar com esta cena, porque o espectador não espera uma cena tão “agitada”. O espectador vê imagens que passam muito rápido: um galo que está fugindo e ele quer saber como isso vai acabar. Como o espectador vai decidir nos primeiros minutos se vai continuar a ver o filme, é essencial que a cena de abertura seja atraente.

Como foi mencionado no primeiro parágrafo, o romance tem um começo diferente. Nas primeiras páginas, Busca-Pé e Barbantinho são os protagonistas. Depois, fala-se sobre a Cidade de Deus e como este bairro surgiu. Busca-Pé e o seu amigo continuam a exercer o papel principal. Depois de uma página com um texto poético (Lins, 2002: 23), começa a ser

relatada a vida de Inferninho, Tutuca e Martelo. Um dos primeiros assaltos descritos no livro é o do caminhão de gás. Esta cena é igual à cena no filme. Em ambos os casos, os malandros puseram-se em fuga da polícia. Enquanto estão se escondendo, os bandidos programam os assaltos para os próximos dias. Todavia, a programação não é a mesma no romance e no filme. Na obra literária, os bandidos planejam um novo assalto a um outro caminhão de gás. “Se hoje foi dia do Gasbrás, amanhã vai ser o Minasgás” (Lins, 2002: 30). Na adaptação cinematográfica, os bandidos estão projetando os assaltos na companhia de Dadinho. O pequeno bandido oferece-lhes um plano que, segundo ele, é muito melhor. Na cena seguinte já é filmado o assalto do motel. Dadinho sente-se inferior porque a sua única função é ficar do lado de fora e dar um tiro na janela quando a polícia chegar. O jovem também quer entrar no motel e assaltar as pessoas. Por isso, ele resolve dar um tiro depois de alguns minutos. Como os três bandidos pensam que a polícia está chegando, eles fogem de carro. Visto que nenhum deles sabe dirigir bem, o carro acaba por entrar no “bar do Pingüim”. O Trio Ternura resolve continuar a fuga a pé. Marreco e Alicate entram para dentro do mato. Cabeleira vai para casa da Luciana Maracaña, uma amiga, onde ele conhece a sua futura namorada, Berenice.

Esta cena também se apresenta no romance, porém os bandidos assaltaram muitos outros lugares antes de fazer a tarefa proposta por Inho. O assalto do hotel não foi feito pelo Trio Ternura, pois Martelo e Tutuca resolveram não participar. Por isso, Inferninho tinha chamado Pelé, Pará e Carlinho Pretinho. Como no filme, o jovem bandido Inho precisava dar um tiro num vidro caso a polícia passasse. Mais tarde, descobrimos que Inho apenas tinha dado um tiro porque queria entrar no motel para roubar e matar. Ele queria participar ativamente do assalto (Lins, 2002: 75). No filme, descobrimos isso de uma maneira um pouco diferente: no jornal está escrito que o assalto no motel era o mais sangrento na história da Cidade de Deus. Porém, os bandidos haviam combinado não matar ninguém. Assim, o espectador descobre de maneira indireta que devia ter sido Dadinho que entrou no motel e matou as pessoas. Para os espectadores que não entenderam esta pequena indicação, há uma revelação no segundo capítulo.

O filme sempre tenta ajudar o espectador a entender a intriga da melhor forma possível e por isso usa um fio condutor que é Busca-Pé. Todos os acontecimentos e personagens têm relevância e estão ligados. No livro, há pessoas que são citadas apenas uma vez, por causa de uma história particular. Um bom exemplo é a intriga do cearense, que começa na página 113 (Lins, 2002). A sua esposa conversava com uma vizinha sobre sexo. A vizinha contava-lhe coisas maravilhosas e dizia à cearense que também deveria experimentar. A mulher do cearense decidiu perguntar tudo ao seu marido, mas ele não quis saber de nada e proibiu-a de falar com a vizinha. Assim, a cearense resolveu seduzir o peixeiro que queria satisfazer os seus desejos. Contudo, quando o cearense descobriu que a sua mulher cometia adultério, ele deu uma paulada no peixeiro, jogou-o junto com a cearense dentro do buraco que ele tinha cavado no dia anterior e cobriu-o com terra. Depois, fugiu para o Ceará.

Na adaptação cinematográfica também encontramos esta história. Porém, o cearense já é mencionado no “bar do Pingüim” e Busca-Pé explica que a história dele será contada mais tarde. Logo, os acontecimentos são relatados, mas um pouco adaptados. A mudança mais importante é que o peixeiro no filme é o irmão de Busca-Pé, ou seja, Marreco. Visto que o pai dos dois irmãos descobriu que Marreco tinha assaltado o caminhão de gás, obrigou-o a vender peixe junto com Busca-Pé. Esta era também a razão pela qual Marreco não podia assaltar o motel com Inferninho. Portanto, a cearense seduz o irmão de Busca-Pé. Quando o cearense

descobre o adultério da sua esposa, dá-lhe uma paulada e joga-a dentro do buraco. A grande diferença em relação ao livro, neste aspecto, é que Marreco consegue fugir e é apenas a cearense que é enterrada viva. Uma outra diferença em relação ao livro é que, no filme, o cearense não consegue fugir, pois é preso pela polícia.

Um outro exemplo muito claro de adaptação é a maneira de acabar com a história do “Trio Ternura”. No romance, a vida de Martelo, Tutuca e Inferninho continua de uma maneira diferente. Depois de um certo assalto, Martelo decide virar crente e sair da vida de bandido. Enquanto ele está andando tranqüilamente para casa, os policiais caminham na mesma rua com as suas armas carregadas. A uma certa altura, eles passam por Martelo sem o ver. O olhar dos policiais está fixado num outro homem. Os dois pensam que é Inferninho e tentam atirar no bandido, mas é o rapaz que consegue atirar no braço do policial.

No filme, esta cena é um pouco adaptada. Alicate decide mudar a sua vida: ele quer trabalhar e acreditar em Deus. Quando está voltando para casa depois de um assalto, dois policiais andam na mesma rua que o bandido. Tudo indica que Alicate vai ser assassinado por eles. Porém, quando os policiais gritam para “parar”, Alicate continua andando e um outro homem começa a correr no lado oposto. Os policiais pensam que este tenta fugir e atiram. Quando abrem a sua carteira percebem que mataram um simples trabalhador.

No livro, a vida de Tutuca acaba quando o bandido é morto pela vítima do estupro. Inferninho também morre no fim da primeira parte. O seu assassino é o policial Belzebu.

No filme, depois da sua aventura com a mulher do cearense, Marreco tenta fugir com o dinheiro de Dadinho. Porém, mais adiante, o espectador vai perceber que Dadinho atira em Marreco. Berenice consegue convencer Cabeleira a ir embora da Cidade de Deus com ela, mas na última hora, o bandido é morto pelos policiais enquanto ele tenta empurrar o carro de fuga enguiçado.

No fim da primeira parte, o leitor toma conhecimento com os amigos de Busca-Pé e Barbantinho: os “cocotas”. Na maior parte do tempo, eles ficam nas praias do Rio de Janeiro, fumando e sonhando com riqueza. No romance, os principais cocotas são Busca-Pé, Barbantinho, *Thiago* e a sua namorada *Adriana, Marisol* e *Álvaro Katanazaka*.

No filme, os cocotas também são introduzidos no fim da primeira parte. A principal diferença é que naquele momento Busca-Pé já tem uma máquina fotográfica. A galera fica o dia inteiro na praia, fumando e tirando fotos. Os principais cocotas são Busca-Pé, Barbantinho, *Thiago* e a sua namorada *Angélica*.

3.1.2.2 Cenas do livro que não estão presentes no filme

Há certas cenas do livro que não podemos encontrar no filme devido às várias razões citadas acima. Muitas vezes trata-se de histórias que não têm uma ligação com os protagonistas e, para não complicar a trama do filme, o roteirista decidiu tirar estes “intermezzi”.

Na página 71 (Lins,2002), o autor narra a história de um homem negro que é casado com uma mulher negra. Como o nenê do casal é branco, o homem está convencido que a sua mulher cometeu adultério e decide vingar-se dela e da criança. Assim, após a mulher ter saído

de casa para buscar algo na casa da sua mãe, o homem coloca o nenê em cima da mesa e começa a cortar os seus membros. Depois joga tudo numa caixa de sapatos, dirige-se à casa da sua sogra e entrega a caixa a sua mulher. Alguns dias depois, o homem é preso.

Em seguida, conta-se a história de um homem que viu a sua mulher beijar um outro indivíduo. O marido da mulher surpreendeu o outro e matou-o. Cortou-lhe a cabeça e entregou-a à esposa adúltera.

Estas duas histórias mostram bem a violência e a crueldade na Cidade de Deus. São duas cenas que marcam qualquer leitor, pois são descritas de uma maneira muito real.

Outro aspecto que é muito comum na Cidade de Deus é a corrupção dos policiais. Um bom exemplo no livro é o detetive Belzebu (Lins, 2002: 88). Através de um ex-policial, Armando, ele tem um comércio de armas. Belzebu sempre avisa o atravessador que os bandidos não podem descobrir que ele está envolvido no comércio. Mas Inferninho quer descobrir o fornecedor e começa a exigir cada vez mais armas de Armando por menos dinheiro. Na página 98 (Lins, 2002) podemos ler como Belzebu mata o seu parceiro por questão de confiança. Este exemplo indica que os policiais na Cidade de Deus não são muito melhores do que os bandidos.

Esta cena também está presente no filme, porém surge mais tarde. Portanto, a história será comentada de novo mais adiante.

A história de Silve e Cosme revela um outro fato que é bem normal na Cidade de Deus: apaixonar-se pela mulher do amigo ou parceiro. Silve e Cosme montaram uma boca-de-fumo para o comércio de drogas. Silve é casado com *Fernanda*, uma prostituta. Cosme gostaria que os dois brigassem para que ele pudesse se juntar com a esposa do seu amigo. Depois de ter pensado muito, Cosme decide declarar o seu amor a Fernanda (Lins, 2002: 118). Ela diz que não vai pensar em largar o seu marido enquanto ele estiver vivo. O apaixonado resolve matar o seu parceiro para poder ficar com a sua mulher. Depois da morte do marido, Fernanda aceita a proposta de Cosme e foge com ele (Lins, 2002: 122).

Uma outra maneira para conseguir a mulher desejada sem matar o marido primeiro, é esturprá-la. Um bom exemplo é o de Tutuca que entra numa casa e violenta a mulher enquanto o seu marido está presente (Lins, 2002: 125). Algumas páginas depois, quando Tutuca está com vontade de esturprá-la de novo, o casal consegue matar o bandido e fugir para outro Estado (Lins, 2002: 131).

No romance o leitor pode descobrir que as festas de Ano Novo e de Carnaval também são muito importantes para os moradores de favelas. Certos personagens no livro, como Luciana Maracaña e Passistinha são muito conhecidos pelas suas danças de samba. Os dois sempre participam nas escolas de samba e como o Carnaval é uma festa de alegria para todos, Luciana e Passistinha são os prediletos dos moradores. Quando Passistinha é atropelado por um carro, o bairro inteiro vai ao seu enterro.

3.2 A segunda história

3.2.1 Comparação dos personagens

No romance, o segundo capítulo é intitulado: “A história de Pardalzinho”. Pardalzinho é o braço direito de Inho, que começou a chamar-se *Zé Miúdo*. Tanto no livro como no filme, Zé Miúdo quer tomar as bocas-de-fumo na Cidade de Deus, porque ele ouviu que este negocio é muito mais rentável do que os assaltos e os roubos.

Na obra cinematográfica, o título da segunda história é: “A história de Zé Pequeno”. Por conseguinte, podemos constatar que o nome de Dadinho se transformou em Zé Pequeno ao invés de Zé Miúdo. O seu parceiro principal, que ele considera seu irmão, é Bené.

3.2.2 Comparação das cenas

3.2.2.1 Cenas que estão presentes no livro e no filme

No segundo capítulo, encontramos mais cenas adaptadas. Uma grande diferença entre o livro e o filme é a ligação entre histórias. O roteirista tentou ligar todos os acontecimentos e personagens do filme. Neste capítulo, este processo é muito óbvio, pois no livro há três grandes grupos de personagens: os bandidos (Pardalzinho, Zé Miúdo, etc.), os cocotas (Busca-Pé, Marisol, Thiago, Adriana, etc.) e os outros personagens com as suas histórias soltas (como a de Ana Rubro Negra). No filme, podemos encontrar a mesma estrutura: os bandidos (Bené, Zé Pequeno, etc.) e os cocotas (Busca-Pé, Thiago, Angélica, etc.).

A vida dos bandidos e cocotas é bastante separada no livro. Porém, podemos constatar uma aproximação dos dois grupos quando Pardalzinho pede ao *Daniel* para comprar roupas para ele. No filme, Bené também quer se vestir como os cocotas. Ele pede o favor ao Thiago. Desta maneira, o roteirista quer evitar a introdução de mais um personagem novo.

A partir deste momento, o bandido começa a sair com os cocotas. Contudo, no livro, os bandidos e cocotas mantêm uma vida afastada.

Na obra cinematográfica, os dois grupos começam a misturar-se cada vez mais, porque Bené começa a namorar Angélica.

No romance, Pardalzinho não se apaixona por Adriana, pois ele tem a sua namorada *Mosca* e Adriana namora Thiago. A relação de Adriana com Thiago é contada em detalhes, mostrando os ciúmes que o menino sente quando alguém se aproxima da sua namorada. Quando Thiago resolve bater num colega de escola de Adriana, ela decide terminar o namoro e começa uma relação com Marisol.

Um fato importante tanto no livro quanto no filme é a morte de Pardalzinho (chamado Bené na adaptação cinematográfica). Em ambas as obras, o criminoso é morto por acidente, pois o assassino quis matar o seu parceiro Zé Miúdo (Zé Pequeno, no filme). Porém, as circunstâncias em que ele morre não são as mesmas na obra audiovisual e na obra literária.

No primeiro caso, Bené é assassinado na sua festa de despedida. No segundo caso, Pardalzinho é machucado várias vezes. Primeiro, é esfaqueado no abdômen durante uma briga (Lins, 2002: 200). Ele recupera, mas algum tempo depois, quando tenta fugir da polícia, cai,

bate com a cabeça no chão e é preso (Lins, 2002: 288). Logo depois da sua libertação, Pardalzinho leva um tiro de *Butucatu*. No romance, Zé Miúdo também é atingido, mas sobrevive (Lins, 2002: 308).

3.2.2.2 Cenas do livro que não estão presentes no filme

Um outro aspecto que não é de todo mostrado no filme é a situação e os acontecimentos com os bandidos nas prisões. É possível que Bráulio Mantovani tenha decidido eliminar estas cenas por causa do limite de duração do filme, como foi explicado na primeira parte da tese. No romance de Paulo Lins, podemos encontrar duas histórias reveladoras sobre as condições de vida dos prisioneiros. Quando *Cabelo Calmo* é preso em flagrante, ele é mandado para a prisão Lemos de Brito onde passa a ser a “mulher” do xerife¹. A partir daquele momento, o seu nome é Bernadete e ele tem que agir como uma mulher. A sua transformação em mulher vai muito longe: o bandido deve até fazer sexo com o xerife. A única coisa boa que esta função lhe traz é cocaína, bebidas e comida melhor (Lins, 2002: 241).

Um outro bandido que acaba por ser preso é Ferroadada. Ele é mandado para o complexo penitenciário da ilha Grande. Naquele presídio aplicam-se outras regras: é proibido humilhar qualquer detento e como Ferroadada estupra certos prisioneiros, ele é assassinado pelos outros (Lins, 2002: 246).

Todavia, no romance de Paulo Lins, não podemos apenas ler histórias sobre a crueldade dos homens. Há também mulheres que são capazes de matar. Um bom exemplo: uma mulher não agüenta mais o seu marido. Portanto, ela inventa um plano para matá-lo, mas antes o faz se associar a um seguro de vida. Alguns dias depois, após o marido voltar do trabalho e dormir, a esposa derrama água fervendo sobre sua cabeça. Contudo, a mulher não recebe nada do seguro de vida porque é presa por homicídio (Lins, 2002: 258).

Um outro enredo que é elaborado na obra literária é a vida de *Ari*, o irmão homossexual de *Inferninho*. Depois da morte do seu irmão, Ari começa a morar na Cidade de Deus e passa a chamar se Ana Rubro Negra. Durante muito tempo o travesti namora *Pouca Sombra* em segredo, mas quando os amigos descobrem a sua relação com o homossexual Ana Rubro Negra, Pouca Sombra decide terminar a relação. Durante algumas semanas, o travesti fecha-se dentro de casa. Depois, Ana Rubro Negra resolve trabalhar de novo e o melhor lugar na avenida é reservado para ela. Logo no primeiro dia de volta ao trabalho, um homem chamado *Doutor Guimarães* declara o seu amor por ela. Porém, esta história dura apenas duas semanas, porque depois Doutor Guimarães decide tentar concentrar-se na sua mulher *Fabiana* e nas crianças (Lins, 2002: 226-230).

A música não é apenas importante num filme, mas também pode surgir num romance. Na favela de Cidade de Deus, a música decide a que grupo se pertence. Os cocotas escutam MPB, os bandidos preferem samba e rock. A importância do samba nas festas já foi

¹ criminoso que assume a liderança entre os presos de uma cela carcerária (Houaiss)

mencionada no primeiro capítulo e está de novo presente nesta parte do livro. Zé Miúdo e Pardalzinho têm amizade com Zé Compositor, uma figura carnavalesca que escreve músicas de samba. Um amigo de Zé Compositor, chamado Voz Poderosa, quer conhecer os dois bandidos porque sabe que se ele conseguir convencer os dois a torcer pelo seu samba na Portela, muitas pessoas irão juntas. Foi isso que aconteceu, pois Zé Miúdo mandou a favela inteira assistir o samba na Portela.

No filme, esta parte não está presente, mas o samba tem um papel importante, pois as músicas foram escolhidas de uma maneira rigorosa e adequada. A letra de cada samba tem relevância com a tema do filme (Mantovani, Dezembro 2001).

3.2.2.3 Cenas do filme que não estão presentes no livro

É normal certas cenas do romance serem retiradas durante a adaptação cinematográfica, pois um filme não pode durar eternamente. Porém, às vezes, é preciso criar cenas para que a história seja mais compreensível para os espectadores. Nesta adaptação, o roteirista quis ligar todos os personagens e, por isso, inventou novas cenas.

Na festa de despedida de Bené, Zé Pequeno quer conquistar uma namorada. Quando uma mulher acompanhada lhe diz que não quer dançar com ele, Zé Pequeno fica bravo. Algumas noites depois, quando o bandido está indo à boca-de-fumo de Sandro Cenoura para matar o seu adversário e tomar a sua boca-de-fumo, ele encontra a mesma mulher de novo. Enquanto ela está caminhando para o seu namorado, Zé Pequeno decide vingar-se. O bandido estupra a mulher na frente do seu namorado e depois procura a casa do homem para matá-lo. O homem, chamado Mané Galinho, não é atingido, mas o seu irmão e o seu tio morrem pelos tiros. Naquele momento, Mané Galinho, um bom trabalhador, decide vingar-se e adere ao grupo de Sandro Cenoura. A partir deste momento a terceira história começa.

Também é interessante notar no filme a revelação, no segundo capítulo, de coisas que aconteceram no primeiro capítulo. Um bom exemplo é a morte do Marreco. Na primeira parte, mostra-se como Marreco pega o dinheiro de Dadinho e tenta fugir da polícia. No segundo capítulo, o espectador vê a mesma imagem de novo, mas agora com a continuação: Dadinho chama Marreco de volta para dar-lhe o seu revólver, mas no último instante, o pequeno bandido atira em Marreco.

Uma outra revelação são os acontecimentos do motel. No segundo capítulo é mostrado explicitamente como Dadinho entra no motel depois de ter dado o tiro no vidro e como ele tem prazer em matar as pessoas.

3.3 A terceira história

3.3.1 Comparação dos personagens

No terceiro capítulo, não podemos encontrar muitos personagens novos. No livro, os nomes de todos os bandidos, importantes ou não, são mencionados. Às vezes é difícil para o leitor lembrar-se de qual bandido estão falando. Para não confundir o espectador, o roteirista

decidiu introduzir o mínimo de nomes possível. Portanto, na obra cinematográfica, há muitos bandidos cujos nomes não são citados. Os personagens principais são Zé Miúdo (no filme chamado Zé Pequeno), Sandro Cenoura e Zé Bonito (no filme chamado Mané Galinho). Estes três bandidos formam dois grupos: a quadrilha de Zé Miúdo e a quadrilha de Sandro Cenoura e Zé Bonito.

No romance, a maioria dos cocotas saiu da favela: Adriana casou-se com um playboy do colégio, Busca-Pé, Thiago e alguns outros sumiram e foram morar em outro sítio. Na adaptação cinematográfica, todavia, Busca-Pé continua a desempenhar um papel importante. Como Busca-Pé foi despedido, ele decide começar uma carreira como jornalista. O rapaz começa no posto mais baixo: entregando jornais. Todos os dias, Busca-Pé passa algum tempo na redação, onde encontra um homem que mora na Cidade de Deus e que trabalha no laboratório do jornal. Graças a ele, Busca-Pé consegue encontrar o seu fotógrafo preferido. O cocota Thiago também ainda aparece no terceiro capítulo: ele faz parte da quadrilha de Zé Pequeno.

Como nos dois outros capítulos do livro, podemos encontrar muitas histórias soltas. No filme, o roteirista tentou novamente ligar todos os acontecimentos para ter o mínimo de novos personagens possível. No romance, os nomes de certos personagens do primeiro capítulo, que não estavam mais presentes na segunda história, aparecem de novo, como Berenice, Inferninho e Passistinha. Porém, a contribuição destes três exemplos para a intriga do terceiro capítulo não é importante. Os seus nomes apenas são mencionados porque os seus filhos pertencem a certa quadrilha. Na obra cinematográfica, os nomes destes personagens, que desempenharam um papel importante no início do filme, não são citados nesta última parte.

3.3.2 Comparação das cenas

3.3.2.1 Cenas que estão presentes no livro e no filme

A maioria das cenas presentes em ambas as obras não foram adaptadas. Porém, é importante observar que o terceiro capítulo do filme não começa no mesmo momento que o do romance. Como o roteirista optou por uma transição quase invisível das duas histórias, o espectador apenas percebe que é o início de um novo capítulo por causa da inscrição “história de Mané Galinho”. Além disso, a figura de Mané Galinho já foi introduzida no fim do segundo capítulo. Porém, no livro, o personagem de Zé Bonito apenas é mencionado no início do terceiro capítulo, no seguinte contexto: Depois de ter perdido a sua namorada, Zé Miúdo procura outra mulher bonita. Uma noite, o bandido vê a mulher de quem gosta namorando outro homem. Miúdo decide estuprar a mulher na frente do seu namorado, chamado Zé Bonito. Este decide vingar-se e procura uma arma. Enquanto Bonito está à procura de uma maneira para matar o seu adversário, Miúdo vai para a casa do seu inimigo e mata o seu avô. Bonito, ainda mais furioso, se junta ao grupo de Cenoura, um bandido que está com medo de sua boca-de-fumo ser tomada por Miúdo. A partir deste momento, a guerra entre as duas quadrilhas começa e o bairro de Cidade de Deus passa a ser um inferno. Como já mencionei, este episódio está presente tanto no livro quanto no filme. Porém, além do fato de a história começar antes no filme do que no livro, ainda há algumas outras diferenças. Em primeiro lugar, os personagens que são assassinados por Zé Miúdo (ou Zé Pequeno, no filme) são

diferentes. Na obra literária, é o avô de Zé Bonito que morre enquanto Zé Bonito não está em casa. Na obra cinematográfica, o irmão e o tio de Mané Galinha morrem enquanto Galinha está se escondendo em casa. Em segundo lugar, há uma diferença em relação à arma que Zé Bonito procura. No romance, Bonito pede uma arma a alguém, enquanto que no filme Mané Galinha recebe espontaneamente uma arma de Sandro Cenoura.

Os tiros continuam dia e noite e a guerra deixa o bairro dividido em dois grupos. Depois de um ano, ninguém mais sabe como a guerra começou. Zé Pequeno sempre quer armas melhores. Quando o seu fornecedor de armas não traz as armas que o bandido deseja, Pequeno manda-o embora sem dinheiro e sem as armas. O fornecedor trabalha em função de um policial. Quando este descobre que aquele não recebeu dinheiro e deixou as armas com Zé Pequeno, o policial mata o fornecedor. Esta cena também está presente no romance, porém no primeiro capítulo.

Um momento importante, tanto no filme quanto no livro, é a transferência de Zé Bonito (Mané Galinha, no filme) para um hospital, depois de ser atingido no abdômen. Este episódio provoca bastante alegria na quadrilha de Zé Miúdo (Zé Pequeno, no filme), porque os bandidos acham que eliminaram o seu adversário. Porém, a guerra continua e Zé Bonito (Mané Galinha, no filme) consegue fugir do hospital.

No romance, os bandidos da quadrilha de Miúdo atiram em Bonito enquanto este está trocando de pistola porque a munição da sua outra arma acabou. Os parceiros e mesmo Miúdo ficam muito felizes por terem ferido o inimigo. No filme, Mané Galinha é atingido enquanto está do lado de um menino da sua quadrilha que morreu durante a luta. O espectador não vê o rosto do autor. Mais tarde, o espectador descobrirá quem foi que atirou naquele momento. Provavelmente, Bráulio Mantovani quis assim criar um certo suspense e deste modo também consegue relacionar os dois tiros: é duas vezes o mesmo personagem que atira, o que provoca menos confusão para o espectador.

Como Zé Bonito (Mané Galinha, no filme) é levado a um hospital público, a polícia pode prendê-lo por todos os crimes que ele já tinha cometido. Os seus parceiros decidem buscar Bonito no hospital e levá-lo para casa. Tanto no livro quanto no filme, esta tarefa não é muito difícil, porque o policial que precisa vigiar Bonito está ocupado com uma enfermeira.

A segunda vez que Zé Bonito (Mané Galinha, no filme) é atingido, o bandido falece. Na obra literária, Zé Bonito morre um pouco mais cedo do que Zé Miúdo. Na adaptação, Mané Galinha e Zé Pequeno morrem ambos quase no mesmo momento, ou seja, no fim do filme. É provável que o roteirista tenha feito esta escolha para limitar a duração do filme. No romance, Bonito é morto por um viciado cujo nome não é mencionado, mas que pertence à quadrilha de Zé Bonito e que é o único que “resolveu lhe dar proteção” (Lins, 2002: 390). O viciado atirou em Bonito, porque este tinha matado o seu irmão. No filme, Mané Galinha também é assassinado por um rapaz, chamado Otto, que pertence à sua quadrilha. Otto tinha se apresentado na quadrilha porque queria vingar a morte do seu pai. No fim do filme, quando Otto é atingido, Mané Galinha senta-se ao seu lado para ajudá-lo. Quando alguém está chamando Galinha, este se levanta e naquele momento é atingido por uma bala de Otto. O espectador vê um flashback em que Galinha matou o pai do rapaz que era segurança num banco que a quadrilha assaltou. Depois é novamente mostrada a cena em que Mané Galinha foi atingido pela primeira vez. O espectador percebe então que também foram tiros de Otto.

3.3.2.2 Cenas do livro que não estão presentes no filme

No terceiro capítulo, podemos encontrar o fim da história de Ana Rubro Negra. No segundo capítulo, o travesti namorava o Doutor Guimarães, mas este acabou o namoro porque não sabia como contar à sua mulher a sua verdadeira natureza. Neste capítulo, podemos ler como o Doutor Guimarães decide contar tudo para a sua mulher Fabiana e começa a morar junto com Ana Rubro Negra.

Outra história presente no livro é a do irmão de Zé Bonito, chamado *Antunes*. Quando Bonito entra na quadrilha de Cenoura, Antunes também quer participar para vingar-se. Sob a influência da sua mãe, Antunes decide sair da vida de bandido e procurar um emprego. A sua mãe pensa que se o seu irmão sair, Zé Bonito também vai querer uma vida normal de novo. Porém, quando Antunes vai candidatar-se a um emprego, ele é atingido por uma bala e morre instantaneamente.

É possível que Bráulio Mantovani não tenha introduzido o irmão de Mané Galinha no filme por duas razões: seria mais um personagem para o espectador memorizar e mais um ator para pagar.

Como nos outros capítulos, há histórias soltas cujos personagens apenas são mencionados algumas vezes. Nesta última parte do livro, podemos encontrar a história de uma mulher, chamada *Cidinha*, que está namorando um policial, o soldado *Morais*, mas que ao mesmo tempo está traindo o seu namorado com o seu ex-namorado, *Branquinho*. Quando Cidinha fica grávida, ela não sabe quem é o pai da criança. Algum tempo depois, o soldado Moraes descobre que Branquinho fala para todo mundo que a criança na barriga de Cidinha é dele. O policial pede à sua mulher para mostrar quem é Branquinho e em seguida mata-o.

A certa altura no terceiro capítulo, o leitor fica a saber que Miúdo tem um cachorro. Este pastor alemão é levado para todos os lugares porque parece muito com Pardalzinho. Umhas dezenas de páginas depois, o pastor alemão é morto pela polícia.

Miúdo é parado muitas vezes pela polícia. A maioria das vezes, a polícia pede-lhe dinheiro. Porém, uma vez não há corrupção e Miúdo é levado à penitenciária de Milton Dias Moreira. O bandido sabe que pode morrer no presídio, porque muitos inimigos seus cumprem pena naquele lugar. Por isso, Miúdo ordena os seus parceiros para trazerem todas as semanas uma quantia de dinheiro para dar aos líderes da prisão. Depois de seis meses de prisão, Miúdo pode sair se trazer dez mil dólares. O bandido ainda não pode voltar à Cidade de Deus, porque é muito arriscado. Miúdo consegue ficar na casa de um amigo que ficou com ele na prisão. O bandido aprende a ler e a assinar o seu nome. Alguns meses mais tarde, na véspera de Natal, Miúdo decide voltar à Cidade de Deus para tomar as suas bocas-de-fumo de volta e para ser o líder do bairro de novo. Porém, o bandido é atingido no abdômen pelos seus antigos parceiros e morre.

No fim do romance, certos bandidos, como Cabelo Calmo, querem melhorar a sua vida. Quando Cabelo Calmo se apaixona por uma professora, ele decide mudar o seu jeito de viver. A professora convence-o a se entregar, cumprir a sua pena e promete que depois terão

uma vida muito melhor. Cabelo Calmo é mandado para a prisão de Lemo de Brita onde é assassinado pelos inimigos (Lins, 2002: 411).

No fim do livro, o leitor pode ler sobre os acontecimentos na vida de alguns personagens, na maioria secundários, que não morreram. O exemplo de Busca-Pé talvez seja o melhor para citar aqui, porque é um personagem que desempenhou um papel bastante importante nesta análise:

“Busca-Pé, depois de militar vários anos no Conselho de Moradores, casou e mudou, conseguiu se estabelecer como fotógrafo, mas volta e meia retornava à favela para visitar a mãe e rever os amigos.” (Lins, 2002: 415).

3.3.2.3 Cenas do filme que não estão presentes no livro

Quando Mané Galinha é atingido no abdômen e levado para o hospital, o bandido aparece em todos os jornais. Zé Pequeno fica muito bravo, porque nem a sua foto, nem o seu nome estão no jornal. Por isso, o bandido procura a câmara que o seu amigo morto, Béné, queria dar a Busca-Pé na festa de despedida, mas que Pequeno tomou e guardou numa caixa. Zé Pequeno pede ao Thiago para tirar algumas fotos para ele aparecer no jornal. Como Thiago não sabe como a máquina fotográfica funciona, ele chama o seu antigo amigo, Busca-Pé. Este sabe tirar fotos muito bem. Depois de ter tirado as fotos, Zé Pequeno dá-lhe a máquina e dinheiro para revelar as fotos. Busca-Pé pede ao laboratorista do jornal para revelar as fotos. No dia seguinte, quando ele está entregando os jornais, Busca-Pé vê a foto que ele tirou no jornal. O rapaz fica com muito medo, porque pensa que Zé Pequeno vai ficar bravo com ele. Ao chegar à redação do jornal, Busca-Pé começa a brigar com Marina, a jornalista que tinha publicado a sua foto. Marina explica-lhe que as fotos estavam no laboratório e que por isso pensou que podia utilizá-las. A jornalista dá a Busca-Pé o dinheiro para as fotos e pergunta-lhe se ele quer tirar mais fotos e ganhar mais dinheiro. Busca-Pé aceita a proposta, mas explica que não pode voltar à favela à noite por causa das fotos publicadas. Marina oferece-lhe a sua casa para ele dormir.

Algumas outras cenas que não podemos encontrar no livro constituem a última parte do filme, chamada “o começo do fim”. O espectador vê de novo a cena do início, ou seja, a cena do galo fugindo. No momento em que a polícia chega, Busca-Pé e o seu amigo estão entre os dois grupos: de um lado está a quadrilha de Zé Pequeno, do outro lado a polícia e no meio estão Busca-Pé, Barbantinho e o galo. Nas outras vezes, a imagem congelou naquele momento. Desta vez, a cena continua e a polícia decide fugir. Zé Pequeno pede ao Busca-Pé para tirar fotos da sua quadrilha. No momento em que Busca-Pé quer tirar a foto, um rapaz da quadrilha é atingido por uma bala. Zé Pequeno e os seus parceiros começam a fugir e a atirar. A polícia chega de novo e corre atrás dos bandidos. Busca-Pé vê como Cenoura e Pequeno são levados num veículo da polícia e decide segui-los. Os policiais levam os bandidos até um lugar afastado e deixam Zé Pequeno descer do veículo. Busca-Pé tira fotos de como a polícia aceita dinheiro de Zé Pequeno e como exigem mais dinheiro para o dia seguinte. Cenoura precisa ficar dentro do veículo, porque é um “presente para a imprensa” (O2Filmes e Meirelles, 2002). Depois de a polícia ter ido embora, o espectador vê como Zé Pequeno é morto por um grupo de crianças, a quem ele tinha dado armas. Este grupo de pequenos

bandidos quer ser o dono da favela agora. Busca-Pé tira fotos de todos estes acontecimentos e o filme acaba com a revelação das fotos e o anúncio de que Busca-Pé ficou conhecido e mudou o seu nome para “fotógrafo Wilson Rodrigues”.

Provavelmente, o roteirista optou por um fim menos trágico do que no livro com algum aspecto positivo. No romance, a história não acaba realmente, pois um novo grupo começa a dominar a Cidade de Deus. Na obra cinematográfica, também podemos encontrar esta continuação da violência depois da morte de Zé Pequeno e Mané Galinha, porém há um aspecto positivo, ou seja, a promoção de Busca-Pé que realiza o seu sonho e se torna um fotógrafo famoso.

Conclusão

O objetivo principal desta tese foi a análise da obra literária *Cidade de Deus* e da sua adaptação cinematográfica, refletindo sobre as principais diferenças entre as duas obras e as dificuldades de adaptação.

Para que o leitor possa compreender bem todos os processos que precisam ser tomados em conta para a adaptação cinematográfica, esta tese organiza-se em duas partes.

A primeira parte é uma abordagem teórica do aspecto cinematográfico a fim de ajudar o leitor a distinguir as principais diferenças e semelhanças entre uma obra literária e uma obra audiovisual e também para explicar o trabalho do roteirista, as dificuldades que ele precisa tentar resolver as decisões que ele tem que tomar e as escolhas que precisa fazer.

Podemos concluir que o trabalho de um roteirista não é fácil. Primeiro, porque precisa tomar em conta certos aspectos como a duração do filme, a linguagem audiovisual e o orçamento disponível. Em segundo lugar, o roteirista tem a tarefa difícil de escolher certas cenas e de eliminar outras. Por fim, o roteirista precisa levar em consideração os direitos em relação à adaptação e à fidelidade ao livro.

A segunda parte é a análise tanto da obra audiovisual quanto do livro *Cidade de Deus*. Primeiro, há uma introdução dos colaboradores mais importantes para que os leitores possam conhecer o autor do romance, Paulo Lins, o diretor do filme, Fernando Meirelles e o roteirista, Bráulio Mantovani. Depois, analiso a elaboração do roteiro de *Cidade de Deus*, que demorou três anos para ficar pronto. Por último, faço uma comparação entre a obra cinematográfica e a obra literária. Mantive a estrutura escolhida pelo autor de *Cidade de Deus* e que também foi guardada no filme: a divisão da história em três capítulos.

Podemos concluir que o roteirista mudou quase todos os nomes e que manteve a maioria das histórias que estão presentes no livro. Certas cenas foram um pouco alteradas e as cenas criadas são uma minoria. Por limitação de tempo de uma obra cinematográfica, o roteirista precisou fazer escolhas e eliminar certas cenas que deixariam o filme incoerente. Portanto, a adaptação cinematográfica manteve as cenas e as personagens principais do livro, sendo assim uma óbvia adaptação do livro *Cidade de Deus*.

Este trabalho foi muito instrutivo, visto que aprendi muito tanto ao nível cinematográfico e literário como ao nível lingüístico. Por um lado adquiri muitos conhecimentos sobre o cinema, a adaptação cinematográfica e a importância do roteirista. Por outro lado, aperfeiçoei o meu português escrevendo, lendo e ouvindo tudo nesta língua. Melhorei também as minhas capacidades de pesquisa, porque tive que procurar muita informação e selecionar as informações adequadas.

Devido ao tamanho limitado do trabalho, apenas pude tratar das diferenças mais importantes entre o filme e o livro *Cidade de Deus*. Contudo, esta pesquisa interessou-me imenso, do mesmo modo que a escrita desta tese.

Bibliografia

a) Bibliografia primária

Instituto António Houaiss (2001). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Editora Objetiva Ltda.

Lins, P. (2002). *Stad van God*. Amsterdam: Ambo.

O2Filmes (Prod.) e Meirelles, F. (Reg.) (2002). *City of God* [Film]. São Paulo: Paradiso Home Entertainment.

b) Bibliografia secundária

Bazin, A. (1984). *Wat is film?* Weesp: Wereldvenster.

Cattrysse, P. (1995). *Handboek scenarioschrijven*. Leuven: Garrant.

Clerc, J.M. (1993). *Littérature et cinéma*. Parijs : Nathan.

Kozloff, S. (2000). *Overhearing film dialogue*. Berkeley: University of California Press.

McFarlane, B. (1996). *Novel to film. An introduction to the theory of adaptation*. Oxford: Clarendon Press.

Monaco, J. (1984). *Film: taal, techniek, geschiedenis*. Weesp: Het wereldvenster.

Sanders, J. (2006). *Adaptation and appropriation*. New York: Routledge.

c) sítios consultados na Internet

Adoro cinema brasileiro (2006). *Personalidades: Fernando Meirelles*. [01/02/2008, <http://www.adorocinemabrasileiro.com.br/personalidades/fernando-meirelles/fernando-meirelles.asp>].

Amaral, T. (19/03/2003). *A construção do filme, segundo o diretor Fernando Meirelles*. [03/04/2007, <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/1605,1.shl>].

Boletim filme B. (2006). *Quem é quem? Bráulio Mantovani*. [03/04/2008, http://www.filmeb.com.br/quemequem/html/QEQ_profissional.php?get_cd_profissional=PE521].

Brandão, C. (29/08/2004). *Hipotexto e Hipertexto no processo de adaptação*. [29/01/2008, <http://www.oclick.com.br/colunas/brandao70.html>].

Brasil,U. (09/12/2007). *Adaptação e traição, um dilema sempiterno*. [09/12/2007, <http://www2.uol.com.br/revistadecinema/edicao37/riofilme/ubirata.shtml>].

- Gesbert, C. (08/2005). *Comment adapter un roman en film?* [30/03/2008, <http://www.linternaute.com/sortir/livre/adaptations-livre-cinema/comment-adapter-un-roman-en-film.shtml>].
- Giannini, A. (12/09/2002). *Dossiê Cidade de Deus. Bráulio Mantovani, o roteirista: “Não quisemos fazer sociologia da violência”*. [28/03/2008, <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/1399,1.shl>].
- Frossard, F. (06/09/2007). *A vida de um roteiro*. [03/04/2008, <http://sussurro.wordpress.com/2007/09/06/a-vida-de-um-roteiro/>].
- Furtado, J. (29/08/2003). *A adaptação literária para cinema e televisão*. [16/01/2008, http://www.casacinepoa.com.br/site_antigo/Html/port/conexoes/adaptac.htm].
- Lucas, A. (1993). *Du Roman au film*. [18/03/2008, <http://www.bmlisieux.com/litterature/gambier/gambie15.htm>].
- Mantovani, B. (Dezembro 2001). *Cidade de Deus. Baseado no romance de Paulo Lins. 12º tratamento*. [<http://www.roteirodecinema.com.br/banco/cidadedededeus12.pdf>].
- Marés de Souza, F. (27/01/2004). *Roteiro de Cidade de Deus é indicado ao Oscar 2004*. [20/01/2008, http://www.roteirodecinema.com.br/noticias/27_01_04.htm].
- Op de Woerd, F. (07/09/2005). *Schrijftraject*. [03/04/2008, <http://eyt.surfnet.nl/xlearn/class1/pdf/Schrijftraject.pdf>].
- Revista “Caros Amigos” online (edição 74). *Entrevista explosiva de Paulo Lins*. [04/04/2008, http://carosamigos.terra.com.br/da_revista/edicoes/ed74/entrevista_paulolins.asp].
- Renau, M-A. (09/2000). *Du roman au scenario. Un exercice de style très encadré par le droit*. [29/03/2008, http://www.p-wilhelm.com/?p_idref=33].